Ajuste fiscal requer reformas estruturais

Claudia Safatle

O candidato do PT para o Ministério da Fazenda é Nelson Barbosa, informam um alto dirigente do partido. O nome do ex-secretário-executivo da Fazenda é, para o PT, o mais adequado aos compromissos assumidos durante a segunda turno das eleições, de fazer um ajuste na economia que não gere desemprego (que já está curso) nem queda da renda. Isso não significa que uma eventual escolha do presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, para o posto piore o relacionamento de Dilma Rousseff com o partido. "Não há veto, mas preferência", explicou a fonte.

Barbosa tem o aval do partido, mas não teria a boa vontade dos mercados como Henrique Meirelles, restado durante oito anos na presidência do BC. Meirelles na fazenda representaria um choque de confiança para o governo e ganharia um tempo de "lua de mel" com os mercados até as mudanças de rumo da economia começarem a aparecer.

Para Tombini e Barbosa o tempo é mais escasso. Meirelles é visto como alguém com autonomia para definir a nova política econômica que levaria o país à retomada do crescimento. Aos outros dois não se atribui, no mercado, o mesmo grau de liberdade.

Em qualquer caso e mesmo em uma quarta alternativa a prioridade será a mesma: recuperar a capacidade de o país crescer a partir de 2016 — 2015 não será um ano fácil e a expectativa de expansão é ligeiramente melhor do que o quadro de estagnação de hoje.

Independentemente do nome que Dilma anunciar, a opção será pelo gradualismo no ajuste fiscal, necessário para reolocar a trajetória da dívida pública, hoje crescente em relação ao PIB.

A referência aos programas do FAT representa mudanças legais nas regras de acesso ao seguro-desemprego e ao abono salarial, despesas que crescimento têm sido exorbitantes nos últimos anos.

Segundo técnicos do governo, é possível com um acesso mais restrito a esses programas e combate a fraudes economizar algo como 0,7% do PIB, cerca de R$ 36 bilhões até 2018. Considerando que essas medidas demandam aprovação do Congresso, elas só começariam a surtir efeito a partir de 2016.

Outra despesa que deve passar por uma ampla reformulação é a das pensões por morte, que custam aos cofres públicos, nos três níveis de governo — federal, estadual e municipal — 3% do PIB, cerca de R$ 156 bilhões. Como a alteração das regras de concessão dessas pensões se iam só para os novos requerentes, daria para economizar 0,5% do PIB até 2018.

O pano de fundo da discussão fiscal é, para Barbosa, o negativamento das ações conjunturas, como o contingenciamento de gastos. O resultado primário recorrente é deficitário. Agora, só reformas estruturais vão restabelecer a disciplina fiscal, a começar da previdência.

O superávit primário positivo para 2015 é de até 1% do PIB, segundo prognósticos feitos por técnicos, supondo que para este ano o saldo será zero ou de um pequeno déficit e que todas as contas atrasadas serão quitadas para Dilma começar o novo mandato com as contas em ela.

Para obter esse resultado conta-se com ganho nesse com energia e redução dos investimentos — esses devem passar de 1,2% do PIB este ano para algo em torno de 0,8% do PIB em 2015. Em todo o início de governo o ritmo dos investimentos cai, alegam os técnicos. Espera-se também a elevação da Cide, dentre outros.

Como a economia brasileira passa por um ajuste de preços relativos — de energia elétrica, combustíveis, transportes urbanos e câmbio —, os juros terão que subir mais para levar a inflação para a meta de 4,5% em 2016, conforme compromisso do BC. A taxa Selic deve aumentar para pelo menos 12% ao ano, segundo o teto de Barbosa.

As metas fiscais para os próximos anos vão determinar o tamanho da depreciação da taxa de câmbio e do aperto monetário. Há muitos a decidir nos próximos meses, tanto na área fiscal e monetária quanto para a recuperação da indústria.

Do "novo governo, novas ideias" o que se espera é que a presidente tenha clareza da dimensão dos problemas criados na economia nos últimos três anos e que disponha de novo programa econômico para o país.

É uma estreita vinculação entre os desdobramentos da Operação Lava-Jato, que aponta a corrupção na Petrobras, e a formação do ministério do segundo mandato de Dilma Rousseff. A presidente não quer indicações de nomes que possam, direta ou indiretamente, deliar seu governo vulnerável às investigações. Essa é uma premissa para a ocupação de todos cargos públicos, sejam da área econômica, política ou social.

A cautela para que as investigações do "Petrolão" não contaminem o governo torna a equação mais complexa que se imagina. Isso explica, em parte, a demora de Dilma em anunciar nomes, gastando tempo que não tem.

Claudia Safatle é diretora adjunta de Redação e escreve às sextas-feiras
E-mail claudia.safatle@valor.com.br

Gastos sociais já competem entre si, diz Nelson Barbosa

carga tributária."

A referência aos programas do FAT representa mudanças legais nas regras de acesso ao seguro-desemprego e ao abono salarial, despesas que crescimento têm sido exorbitantes nos últimos anos.

Segundo técnicos do governo, é possível com um acesso mais restrito a esses programas e combate a fraudes economizar algo como 0,7% do PIB, cerca de R$ 36 bilhões até 2018. Considerando que essas medidas demandam aprovação do Congresso, elas só começariam a surtir efeito a partir de 2016.

Outra despesa que deve passar por uma ampla reformulação é a das pensões por morte, que custam aos cofres públicos, nos três níveis de governo — federal, estadual e municipal — 3% do PIB, cerca de R$ 156 bilhões. Como a alteração das regras de concessão dessas pensões se iam só para os novos requerentes, daria para economizar 0,5% do PIB até 2018.

O pano de fundo da discussão fiscal é, para Barbosa, o negativamento das ações conjunturas, como o contingenciamento de gastos. O resultado primário recorrente é deficitário. Agora, só reformas estruturais vão restabelecer a disciplina fiscal, a começar da previdência.

O superávit primário positivo para 2015 é de até 1% do PIB, segundo prognósticos feitos por técnicos, supondo que para este ano o saldo será zero ou de um pequeno déficit e que todas as contas atrasadas serão quitadas para Dilma começar o novo mandato com as contas em ela.

Para obter esse resultado conta-se com ganho nesse com energia e redução dos investimentos — esses devem passar de 1,2% do PIB este ano para algo em torno de 0,8% do PIB em 2015. Em todo o início de governo o ritmo dos investimentos cai, alegam os técnicos. Espera-se também a elevação da Cide, dentre outros.

Como a economia brasileira passa por um ajuste de preços relativos — de energia elétrica, combustíveis, transportes urbanos e câmbio —, os juros terão que subir mais para levar a inflação para a meta de 4,5% em 2016, conforme compromisso do BC. A taxa Selic deve aumentar para pelo menos 12% ao ano, segundo o teto de Barbosa.

As metas fiscais para os próximos anos vão determinar o tamanho da depreciação da taxa de câmbio e do aperto monetário. Há muitos a decidir nos próximos meses, tanto na área fiscal e monetária quanto para a recuperação da indústria.

Do "novo governo, novas ideias" o que se espera é que a presidente tenha clareza da dimensão dos problemas criados na economia nos últimos três anos e que disponha de novo programa econômico para o país.

É uma estreita vinculação entre os desdobramentos da Operação Lava-Jato, que aponta a corrupção na Petrobras, e a formação do ministério do segundo mandato de Dilma Rousseff. A presidente não quer indicações de nomes que possam, direta ou indiretamente, deliar seu governo vulnerável às investigações. Essa é uma premissa para a ocupação de todos cargos públicos, sejam da área econômica, política ou social.

A cautela para que as investigações do "Petrolão" não contaminem o governo torna a equação mais complexa que se imagina. Isso explica, em parte, a demora de Dilma em anunciar nomes, gastando tempo que não tem.

Morre Manoel de Barros, poeta maior da "vanguarda primitiva"

Memória

Gonçalo Junior
Para o **Valor**, de São Paulo

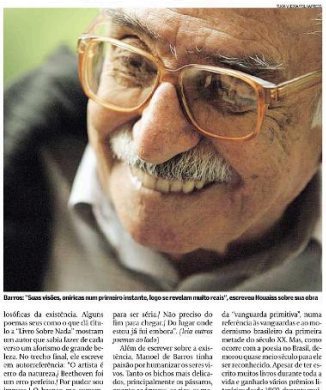

FOTO: ACERVO FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL

Barros: "Suas visões, eróticas num primeiro instante, logo se revelam muito reais", escreveu Hosaiss sobre sua obra

Perto de completar 98 anos (em 19 de dezembro), o poeta mato-grossense Manoel de Barros morreu ontem, em Campo Grande (MS), por problemas decorrentes de uma cirurgia no intestino. Viveu muito, diziam algumas. Mas no seu caso é diferente. A expressão não impunha. A assertiva, sim. E com um cuiage de futebol que não se terá jamais em campo, a inventar difíceis, a criar jogadas e a fazer de um gol um poema. Faz falta a presença, mesmo que se diga que seu estilo está permanecerá como criação de um dos mais aclamados poetas contemporâneos brasileiros.

Barros deixa uma poesia marcada pela singularidade, pelo caráter ao mesmo tempo inventivo, original, experimental e atrevido, uma posição marcada pela currieira, do primeiro ao último verso que escreveu, em quase 70 anos de carreira. Ousou, por exemplo, ao não usar uma imagem para criar versos eólicos. Ousou, pois falava do amor em seu sentido mais sobre e positivo e jamais deu atenção a aspectos negativos, como inveja, ódio, traição — sabemos tão recorrentes no gênero que o consagrou. "A tenguia literária consiste em desaprumar a linguagem a ponto que ela expresse nesses mais íntimos desejos", escreveu em "O Livro Sobre Nada", de 1996, sua obra mais famosa.

Era impressionante sua facilidade para manipular as palavras e compor versos sem rimas que cialoguavam por intensidade com o leitor. Mais pareciam vídeos fisiológicas da existência. Alguns poemas seus como o que dá título a "Livro Sobre Nada" mostram um autor que sabia fazer de cada verso um aforismo de grande beleza. Não trecho final, ele escreve em autoexcelência: "O artista é entre da natureza./ Berthoven foi um ouvir perfeito./ Por poder sou impuro./ O branco me corrompe./ Não gosto de palavra acostumada./ A minha diferença é exclusiva por ousar./ Falava poética tem que chegar ao grau de brincquedo para ser sério./ Não preciso do fim para chegar./ Do lugar onde estou já fui embora". (*Livro outras poemas em falta*)

Antes de escrever sobre a existência, Manoel de Barros tinha passado por horrorizar os seus vizinhos. Tanto os bichos mais delicados, principalmente os pássaros, quanto as árvores, os rios, as matas — com sua força para gerar vida de mil formas. Ao se voltar para os rios, dos-lhe sentimentos mais nobres, pela sensibilidade de quem deitava, acordava, comia, respirava e olhava tudo à sua volta com as pupilas de poeta.

Em "O Apanhador de Desperdícios", o interlocutor sua reverência à natureza, da qual sempre se considerou parte indissociável: "Tendo bem o sotaque das águas/ Dou respeito às coisas desimportantes/ e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões./ Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos ofícios. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aquelas/ado para gostar de passarinhos".

Outra de suas marcas era transpor para a poesia o vocabulário coloquial do que se falava no campo. Recorria a uma sintaxe que reproduzia a linguagem oral que ouvia de seus pares. Para a crítica, essa opção ampliou as possibilidades expressivas e economicíricas do seu léxico. Com isso, compôs neologismos que remetiam à prosa de Guimarães Rosa, contemporâneo seu. E foi nessa estrada que brincou, ousou e criou um caminho sedutor em que a palavra ganhava variantes e níveis diversos. Com ele, a língua portuguesa ganhou "fertabilidade semântica", segundo o poeta Geraldo Carneiro, pois não respeitava com suas construções as normas da língua-padrão.

Observações assim levaram Barros a se definir como um poeta da "vanguarda primitiva", nome referência às vanguardas e ao modernismo brasileiro da primeira metade do século XX. Mas, como escreve com a poesia no Brasil, demorou quase meio século para ele ser reconhecido. Apesar de ter escrito muitos livros durante toda a vida e ganhado vários prêmios literários desde 1960, durante muito tempo sua obra foi ignorada pelo grande público.

Uma explicação está no seu jeito discreto, longe dos meios literários e editoriais. Começou a chamar a atenção depois de elogio de Millôr Fernandes, já na década de 80. A partir daí, ganhou reconhecimento por meio dos maiores prêmios literários do Brasil, como o Jabuti, em 1987, com "O Guardador de Águas".

O auál maior veio quando Carlos Drummond de Andrade, em 1986, afirmou que não era ele, mas Manoel de Barros, o maior poeta brasileiro vivo. A afirmação chocou alguns, que acharam se tratar de excesso de modéstia de Drummond. Antonio Houaiss concordou, na condição de um dos mais importantes filólogos e críticos brasileiros: "A poesia de Manoel de Barros é de uma enorme racionalidade. Suas visões, eróticas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor".

O poeta estava internado havia duas semanas no Proncor de Campo Grande. Passou por uma cirurgia no intestino que causou complicações e o levou para a UTI, depois de um quadro otimista de recuperação. Segundo o hospital, o poeta teve falência múltipla dos órgãos. Nos últimos anos, Barros viveu em Campo Grande e levou uma vida reclusa ao lado da mulher.

Autorretrato

Ao nascer eu não estava sozinho
de forma que não vou sê-lo
tão tão tempo
Fui na barca de uma ela
Desci no Amazon 14 anos.
Só fala a Língua
Entrei 14 luas
Li bem pouco nesses
São coisas escrijam de primeira
(Nesse lugar de cabra, não tem gente feja de mim).
Já passei cinco Amazonas, mas pode que só quatro
Em pensamento a palavra nasceu concreta, macia, mas pode ser rosa.
Pesso: desabafo, 35 metros de mim.
Ofício: não tô sabido, sei ainda criança, uma dobra de amarelo, uma fivela
de prender sábados, um pingo de Tarde, o paladar de cabelo, etc.
Tenho uma enfiadas maneiras de ser contra o desenvolvimento, só dá por certo que é ciência.
Quero morrer no lado branco do mundo. Bernardo.

Biografia do Orvalho — 11

A noite inteira do inverno é um monte de bichos
Coisa pouca sua chatada.
Palavras que me cortam como um — navalha aberta.
Não quero ser apenas um ajeito que chove
portas, que pouco chamam, que não contagia,
que compõe uma ave fã da tarde, que vai à Terra,
que aponta dedo, que só anda reto, etc.
Protesto.
Não quero ser Barros.
Eu penso renovar o homem usando brinquedos.

Manoel de Barros

Fontes: "Livro Sobre Nada", "O Livro Sobre Nada", "Poesia Completa", "O Guardador de Águas", "O Apanhador de Desperdícios", "Gramática Expressiva do Pantanal", "Menino do Mato", "Arranjos para Assobio", "Ensaios Fotográficos", "Exercícios de Ser Criança", "Tratado Geométrico da Sensibilidade", "Livro de Pinturas", "Livro de Pousadas", "Livro de Ocupações", "Livro de Pré-coisas", "Livro de Ignorâncias", "Livro de Perguntas